

No aniversário de Elis Regina,
Juarez Fonseca reflete
sobre as conversas com uma
das vozes inesquecíveis da
música brasileira



JUAREZ FONSECA/ESPECIAL/IC

Juarez Fonseca, especial para o JC

Na próxima segunda-feira, 17 de março, Elis Regina completaria 80 anos. Como ela seria hoje? Uma tranquila vovó coruja dos netos Rafaela, Antônio, Alice, Arthur e André, nascidos de seus filhos João Marcelo, Pedro e Maria Rita? Ou uma vovó na dela, ainda em atividade, como seus contemporâneos Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Maria Bethânia, Ivan Lins? Difícil saber - embora o temperamento básico das pessoas não mude essencialmente ao longo da vida. Percorrendo a narrativa deste jornalista, se entenderá um pouco da essência de Elis, sabida por quem a conheceu mais ou menos de perto. Vinicius de Moraes a chamava de "Pimentinha".

Ela morreu muito cedo, aos 36 anos, 20 de carreira, mas tempo suficiente para chegar ao futuro como a maior cantora da história da música brasileira. Depois de lançar compositores como os citados acima, e Milton Nascimento, Belchior, João Bosco/Aldir Blanc, entre tantos, nos últimos anos estava interessada em fazer o mesmo com novos nomes da música do RS. Em 1980, gravara *Moda de*

Sangue, de Jerônimo Jardim e Ivaldo Roque. No ano seguinte, participou do LP de Raul Ellwanger cantando *Pequeno Exilado*. Pediu para que os gaúchos lhe mandassem fitas.

O iniciante Vitor Ramil fez isso, mas a gravação era ruim e Elis mandou a ele um telegrama pedindo que enviasse outra fita. De São Paulo, a maior cantora "simplesmente" telegrafa ao jovem pelotense. Ela certamente gravaria Vitor e mais gaúchos se não tivesse se despedido em 19 de janeiro de 1982. Mas vamos à narrativa.

Era agosto de 1974 e eu estava diante dela pela primeira vez. Veio a Porto Alegre com o show que antecedia o lançamento de um de seus melhores discos, aquele que tem *Conversando no Bar*, *Ponta de Areia*, *Maria Rosa*, *Dois Pra Lá Dois Pra Cá*. Naquela época ainda não tinha essa história de os grandes nomes só excursionarem depois de saírem os discos. Também não era tempo de só um show ou dois, como agora. Eles ficavam quatro, cinco dias, uma semana, no Teatro Leopoldina (depois Teatro da Ospa, até ser fechado em 2008). Podia-se conversar com mais calma, como eu começava a

fazer, no hotel, no dia seguinte ao da estreia do show.

Houve empatia. Falamos sobre o show e comentei que a música nova de Milton Nascimento e Fernando Brant, que ela estava lançando, me impressionara. Era *Conversando no Bar* (*Saudade dos Aviões da Panair*). Perguntou se eu queria a letra, pegou uma folha de meu bloco de anotações e a escreveu: "*Lá vinha o bonde no sobe e desce ladeira/ E o motorero parava a orquestra um minuto/ Para me contar casos da campanha da Itália/ E do tiro que ele não levou/ Levei um susto imenso nas asas da Panair/ Descobri que as coisas mudam/ E que tudo é pequeno nas asas da Panair...*". Elis tinha uma letra muito bonita, clara e segura. Claro que até hoje guardo aquela folha como uma relíquia.

Enquanto Elis escrevia, cantarolando, eu a olhava e o tempo andava para traz. Para uma época, depois do *Clube do Guri* (veja mais adiante), início dos anos 1960, em que eu a ouvia na Rádio Gaúcha, cantando no programa *Campeões da Semana Eucalol*, uma parada de sucessos com vários cantores e orquestra. Naquele trecho de minha memória

ela cantava a versão de *Tonight*, de Johnny Mathis. Depois veio a primeira gravação e o primeiro sucesso, *Dá Sorte*, de Eleu Salvador (ator de novelas da Gaúcha que se revelava como compositor). Depois Rio, São Paulo, os festivais, a TV Record, *O Fino da Bossa*, aquilo tudo, ela explodindo.

O teipe d'*O Fino da Bossa* era apresentado pelo Canal 12 nos domingos à noite, um horário que eu não trocava por nada. Adorava Elis, tinha orgulho dela. E agora ela estava ali, na minha frente, falante, feliz com o disco especial que lançara naquele ano, *Elis & Tom*. Com o novo show. Com César Camargo Mariano, seu marido e maestro. Com a vida. Elis usava cabelos encaracolados e ria por qualquer coisa. Quis saber minha opinião sobre determinada parte do show, que achava poder melhorar. A entrevista saiu numa página central de sábado, título: "*Eu tô legal*".

Novos encontros em 1976 e em 1977. Em 77 ela voltou para a estreia nacional em Porto Alegre de *Transversal do Tempo*, show que carregava a responsabilidade de suceder o mega-sucesso *Falso Brilhante*, de 75/76, apresentado apenas em São Paulo e Rio. No

dia do primeiro ensaio geral, no Teatro Leopoldina, ela me ligou: "Vem pra cá". Pediu palpites e avisou que eu passava a integrar informalmente a equipe de produção, encarregado de informar onde-conseguir-tal-e-tal-coisa-nacidade. Para completar, a revista *Veja* me pediu um comentário do show, publicado em página inteira, fato importante para um repórter da província.

Transversal do Tempo fazia contraponto ao exuberante e meio autobiográfico *Falso Brilhante*. Elis dava um giro. A mesma *Fascinação* que encerrava *Falso Brilhante* em clima de apoteose, ironicamente abria o novo show. *Transversal* era sobre as "querelas do Brasil", político, pesado em *Deus lhe Pague*, *Sinal Fechado*, *Construção*, *Cão sem dono*. Ela cantava *Romaria* vestida de Nossa Senhora e *Saudosa Maloca* vestida de operário. Ficou duas semanas em cartaz e fez as pazes definitivas com a cidade: frequentou restaurantes, foi a festas, passeou, deu muitas entrevistas. No fim, aeroporto, "obrigada por tudo, beijo, vamos ver se nos escrevemos".

Não nos escrevemos.

Leia mais na página central